

1

Não obedezas por antecipação.

Uma grande parte do poder do autoritarismo é concedido sem entraves. Em tempos como estes, as pessoas antecipam em pensamento o que um governo mais repressivo poderá almejar, prontificando-se depois sem que isso lhes seja solicitado. Um cidadão que se adapta desta forma está a ensinar ao poder o que está ao alcance deste.

A obediência antecipatória é uma tragédia política. É possível que, numa fase inicial, os governantes não soubessem que os cidadãos estariam dispostos a comprometer este valor ou aquele princípio. É também possível que, no seu começo, um novo regime não tivesse à sua disposição os meios diretos para influenciar os cidadãos de uma maneira ou de outra. Depois das eleições alemãs de 1932, que permitiram que Adolf Hitler formasse governo, ou das eleições checoslovacas de 1946, que deram a vitória aos comunistas, a seguinte etapa crucial foi a obediência antecipatória. Tendo em conta que, em ambos os casos, um suficiente número de pessoas colocara voluntariamente os seus serviços à disposição dos novos líderes, os nazis e os comunistas aperceberam-se do mesmo modo de que rapidamente lhes seria possibilitada uma completa mudança de regime. A desatenção que permeara as primeiras manifestações de conformidade já não pôde ser contrariada.

Nos começos de 1938, Adolf Hitler, por essa altura já em controlo total da sua posição de domínio na Alemanha, ameaçara com a anexação da vizinha Áustria. Depois da cedência por parte do chanceler austríaco, foi a obediência antecipatória dos austríacos que acabou por decidir o destino dos judeus austríacos. Os nazis austríacos locais procederam então à captura de judeus, forçando-os a limpar as ruas com o intuito de eliminar todos os símbolos de uma Áustria independente. De modo determinante, as pessoas que não eram nazis assistiram a tudo, movidas pelo interesse e pela distração. Os nazis que haviam feito listas das propriedades dos judeus aprestaram-se a roubar tudo o que lhes fora possível. De modo igualmente decisivo, outros que não eram nazis juntaram-se à pilhagem generalizada. Como a teórica política Hannah Arendt nos lembra, “quando as tropas alemãs invadiram o país e os vizinhos gentios começaram a assolar as casas judias, deu-se também início ao suicídio dos judeus austríacos”.

A obediência antecipatória de parte dos austríacos em março de 1938 esclareceu as altas patentes do comando nazi do que

estava realmente ao seu alcance fazer. Foi em Viena, em agosto desse ano, que Adolf Eichmann estabeleceu a Repartição Central para a Emigração Judaica. Em novembro de 1938, no seguimento do exemplo austríaco de março, os nazis alemães procederam à constituição do pogrom nacional conhecido por *Kristallnacht*.

Em 1941, quando a Alemanha invadiu a União Soviética, as SS tomaram a iniciativa de engendrar os métodos de assassinio em massa sem que para tal tivessem recebido ordens. Limitaram-se a supor aquilo que era a vontade dos seus superiores e a demonstrar o que era possível. Isto ultrapassara em larga medida aquilo que o próprio Hitler havia congeminado.

Mesmo no seu início, a obediência antecipatória significa uma adaptação instintiva, sem reflexão de permeio, a uma nova situação. Serão os alemães os únicos responsáveis por fazerem tais coisas? O psicólogo americano Stanley Milgram, ao ponderar as atrocidades do regime nazi, quis provar que não existia nenhum género de personalidade autoritária em particular que pudesse explicar o comportamento dos alemães. Nesse sentido, concebeu uma experiência com o intuito de pôr à prova a sua asserção, e, contudo, viu-lhe negada a permissão para colocá-la em prática em território alemão. Assim, o psicólogo ocupou-se da sua experiência num edifício da Universidade de Yale, decorria o ano de 1961, por volta da mesma altura em que Adolf Eichmann estava a ser julgado em Jerusalém pelo seu envolvimento no holocausto nazi perpetrado aos judeus.

Milgram informou os sujeitos (alguns estudantes de Yale, entre habitantes de New Haven) de que lhes seria pedido que aplicassem choques elétricos a outros participantes numa experiência centrada na noção de aprendizagem. Na verdade, as pessoas ligadas aos fios que se encontravam do lado oposto de uma janela estavam combinadas com Milgram, de acordo com um plano prévio, e limitavam-se simplesmente a fingir que recebiam os choques. À medida que os sujeitos (pensavam

que) infligiam os choques nos (por eles supostos) participantes numa experiência relacionada com a aprendizagem, puderam deparar com um panorama terrível. Pessoas que não conheciam e perante as quais não guardavam rancor algum pareciam estar a sofrer profundamente, batendo com os punhos no vidro enquanto se queixavam de dores no coração. Ainda assim, a maior parte dos sujeitos não deixou de proceder de acordo com as instruções de Milgram, continuando a aplicar (o que para eles eram) choques ainda mais violentos até ao momento em que as vítimas acabam aparentemente por morrer. Mesmo os que não deram prosseguimento à tarefa até à sua conclusão, isto é, até à (aparente) morte dos seus pares humanos, saíram dali sem sequer inquirirem acerca do estado de saúde dos outros participantes.

Milgram compreendeu que as pessoas são extraordinariamente recetivas a novas regras num ambiente igualmente novo. Acham-se surpreendentemente dispostas a provocar sofrimento e inclusive a matar outras em concordância com um qualquer novo propósito, se receberem instruções nesse sentido da parte de uma nova autoridade. “Deparei com tanta obediência”, lembrou Milgram, “que passei a achar desnecessário levar a experiência até à Alemanha.”

2

Defende as instituições.

São as instituições que nos ajudam a preservar a decência. Também elas necessitam da nossa ajuda. Não fales das “nossas instituições”, a menos que as faças também tuas ao agires em favor dos seus interesses. As instituições não se protegem a si mesmas. Acabam por ruir uma atrás da outra, a não ser que cada uma delas seja protegida desde o seu começo. Por isso, escolhe uma instituição que te diga algo — um tribunal, um jornal, uma lei, um sindicato — e toma o seu partido.